

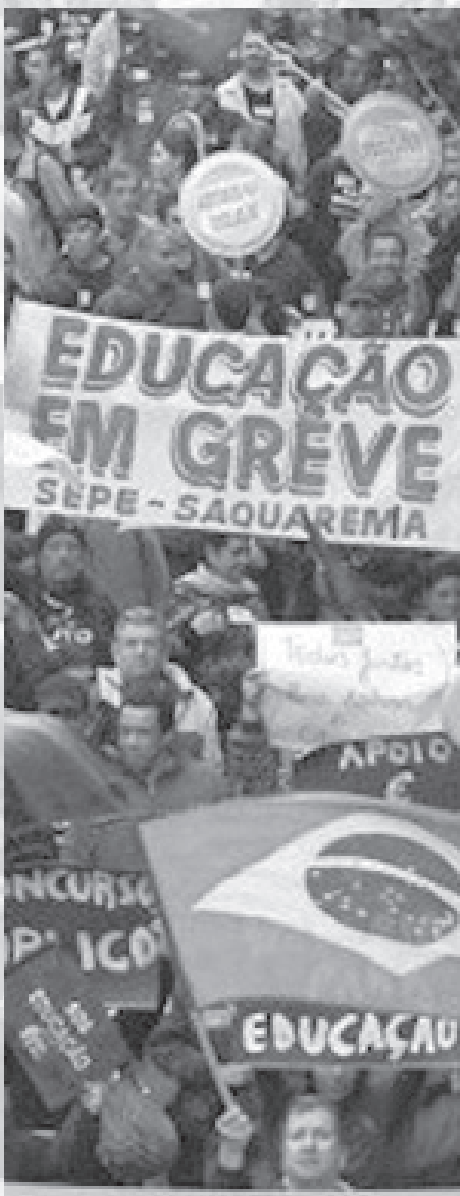
## DIA DO PROFESSOR

# SEM NADA A COMEMORAR, DOCENTES VÃO À LUTA

Um dos direitos fundamentais da população, o direito à educação emancipadora, está ameaçado no Brasil. No Rio de Janeiro, professores da rede estadual e municipal, em greve há cerca de dois meses, lutam nas ruas por condições de trabalho dignas e são violentamente agredidos pela polícia de um governo que sucateou as escolas públicas e não apresenta planos para a educação. Em São Paulo, manifestações de professores por melhores condições de trabalho e de ensino também são recebidas com bombas de gás e balas de borracha. No Brasil, o pífio piso salarial de R\$ 1567,00 por jornada de 40 horas semanais, estabelecido pelo MEC, é sistematicamente desrespeitado pelos governos estaduais e municipais.

Na USP a reitoria segue ocupada pelos estudantes que exigem eleições diretas e paritárias para reitor, além da retirada da polícia militar do campus. O atual reitor foi escolhido pelo governador Alckmin apesar de ter sido o segundo colocado na lista tríplice proposta por um colégio eleitoral composto por maioria de professores titulares. A solicitação de reintegração de posse pela reitoria foi negada pela Justiça. Na Unicamp estudantes também ocupam a reitoria pela retirada da polícia militar do campus. Uma manifestação conjunta dos estudantes das duas universidades está programada para a próxima quarta-feira.

Na PUC-SP, a reitora indicada



pelo cardeal, apesar de ser a terceira colocada na lista tríplice, aliada aos secretários da Fundação São Paulo, opera planos de reduções de custos cujo ônus recai sobre os professores. O recente fechamento de turmas e turnos de ingresso no vestibular, sem que houvesse qualquer plano para atrair novos estudantes, terá como consequência a redução de contratos e a demissões de professores. O resultado será uma universidade apequenada, elitista e sem diversidade intelectual.

Apesar dos protestos de professores da PUC-SP, os contratos maximizados, a tabela salarial reduzida para novos docentes, o não pagamento do reajuste salarial de 7,66% desde 2005 continuam. Manifestações de professores e de vozes dissonantes são duramente penalizadas, como por exemplo o processo político instaurado pela reitora contra a diretora da APROPUC, professora Beatriz Abramides, que ainda está em aberto.

Não é preciso recorrer às avaliações nacionais e internacionais recentemente publicadas para perceber o panorama sombrio da educação brasileira. As práticas ditatoriais tentam apagar o fogo das vozes dos professores e dos estudantes que exigem mudanças. Não podemos ficar calados até nos transformarmos em cinzas. Gritemos em defesa da educação pública, laica e de qualidade!

*Diretoria da APROPUC*

# -QUE VERGONHA, CABRAL!

# Estudantes continuam a ocupação da Reitoria da USP



MARINA D'AQUINO

Ato seguiu da avenida Paulista até a Alesp com mais de 2 mil pessoas

Os estudantes da USP completaram uma semana de ocupação da reitoria da universidade, e já conquistaram vitórias. Na terça-feira, 8/10, em ato na frente do Tribunal de Justiça, os estudantes aguardaram a negociação entre o movimento, a justiça e

a administração da USP - que recusou o diálogo pois a reitoria "já estava ocupada". Os uspianos, portanto, deveriam aguardar a decisão do juiz.

Na quarta-feira, foi indeferido o pedido de reintegração de posse feito pela reitoria. Segundo o juiz Adriano Mar-

cos Laroca, "a reitoria, sem iniciar qualquer diálogo com os estudantes, ao judicializar tal ocupação política, fez uma opção clara pelo uso da força ao invés do debate democrático. Foi a ausência de diálogo o motivo preponderante da ocupação, medida custosa à USP

e aos estudantes, porém, em menor grau do que a manutenção de normas eletivas de cunho autoritário". O juiz da 12ª Vara de Fazenda Pública, declara em sua decisão que "a ocupação de bem público (no

continua na próxima página

## Trabalhadores da educação continuam em greve após repressão no Rio

Na quinta-feira, 10/10, os professores e funcionários das redes estadual e municipal de educação do Rio voltaram às ruas para reivindicar maior verba e melhores condições para a educação pública na cidade. Além disso, eles protestaram contra a forte repressão ao movimento grevista e demais movimentos sociais no ato de segunda-feira, 7/10. Em assembleia antes do ato, os servidores da Faetec (Fundação das Escolas Técnicas do RJ) aproveitaram para votar pela continuidade da greve. Um dia antes, na quarta-feira, 9/10, os professores das redes municipal e estadual já haviam dado continuidade ao movimento, que começou em 8/8 e alastrou-se por todos os

setores da educação do Rio. Na ocasião, os professores aprovaram uma nota pública de apoio aos "Black Blocs". Segundo Ivanete Conceição da Silva, uma das coordenadoras gerais do Sindicato dos Professores, há interesse em negociar, mas a responsabilidade é da prefeitura, que tem se negado a fazer concessões. "A responsabilidade é do governo para que o ano letivo continue. Ainda não temos uma proposta de reposição, mas garantimos que o conteúdo será ensinado assim que as aulas sejam retomadas".

No ato de segunda-feira, dezenas de milhares de manifestantes, entre eles bombeiros, petroleiros, bancários e estudantes, ocuparam ainda

o centro do Rio em solidariedade aos professores cariocas. Mais uma vez, houve conflito entre manifestantes, principalmente os que se reivindicam "Black Blocs", e policiais militares, deixando dezenas de feridos. Enquanto isso, em São Paulo, onde quase mil pessoas saíram às ruas

em solidariedade à luta dos professores cariocas, a cena se repetia. Também houve confronto dos manifestantes com as forças policiais. Ao final, nove pessoas foram presas por depredação de patrimônio, prestaram depoimento na 2ª DP da capital e foram liberadas.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Apropuc:** Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

**PUCViva:** 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) – **PUCViva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

**Editor:** Valdir Mengardo

**Reportagem:** Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

**Fotografia:** Marina D'Aquino

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

**Conselho Editorial:** Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victória C. Weischardt



continuação da página anterior

# Pós-graduandos se reúnem para discutir novo regulamento interno

caso de uso especial, poderia ser de uso comum, por exemplo, uma praça ou rua), como forma de luta democrática, para deixar de ter legitimidade, precisa causar mais ônus do que benefícios à universidade e, em última instância, à sociedade. Outrossim, frise-se que nenhuma luta social que não cause qualquer transtorno, alteração da normalidade, não tem força de pressão e, portanto, sequer poderia se caracterizar como tal". Ao final da tarde, mais de dois mil estudantes mantiveram seu ato unificado com a Unicamp, que se mantém com a reitoria ocupada desde quinta-feira, 3/10, mesmo com a aprovação do pedido de reintegração de posse. Estudantes da FATEC, Unesp e PUC-SP também compuseram o ato, que caminhou do MASP até a Assembleia Legislativa, no Ibirapuera, pedindo por mais democracia nas universidades. Alguns deputados estaduais como Carlos Giannazi (PSOL) e Adriano Diogo (PT) se juntaram ao final do ato em frente à ALESP para demonstrar apoio ao movimento.

## ASSEMBLEIA DEFINE EIXOS DO MOVIMENTO

Na assembleia geral de quinta-feira, 10/12, os estudantes votaram que os eixos da greve fossem eleições diretas e paritárias (a exemplo da PUC-SP), sem lista tríplice, estatuinte livre, democrática e soberana, além de continuar lutas como a devolução dos blocos K e L do CRUSP, fim dos processos e fim do convênio com a PM e uso de violência nas reintegrações de posse. Outra pauta aprovada foi a do projeto de lei de cotas raciais na universidade.

Cerca de 20 pós-graduandos realizaram uma assembleia, na sede da APROPUC, na quarta-feira, 9/10, para debater a alteração do regulamento interno dos cursos da pós-graduação, deliberado no último Consun. Apesar da assembleia ter sido convocada pelos pós graduandos, a Associação dos Pós Graduandos, APG, não compareceu à ocasião, gerando severas críticas a atual gestão da entidade representativa.

No referido Consun, a APG votou a favor das novas mudanças, em consonância com a pró-reitoria de Pós Graduação, mas os presentes na assembleia afirmaram que a decisão da APG não representa a maioria dos estudantes, porque não houve um debate amplo e democrático em torno da questão.

O novo regulamento prevê, por exemplo, que alunos cuja matrícula não esteja em dia não poderão entregar seus trabalhos no chamado

depósito de teses e dissertações. Além disso, a decisão também encurta o prazo para a entrega das produções acadêmicas.

A assembleia discutiu possíveis formas de luta contra o novo regulamento. Entre as possibilidades, está a de mover ações judiciais para que as novas regras não valham para este ano. Segundo os advogados consultados pelos estudantes, para que uma ação coletiva possa ser interposta judicialmente, seria necessária uma entidade representativa que a movesse - o que fica difícil, já que a APG aprovou o novo regulamento.

Assim, os pós-graduandos irão marcar uma nova reunião, com a presença de advogados, para procurar outro encaminhamento jurídico. Eles encaminharam também a ampla divulgação dessa nova assembleia, a fim de que cada vez mais pós-graduandos compareçam

para discutir suas respectivas situações. A despeito da reitoria ter divulgado que a decisão do Consun é irrevogável, os estudantes também organizarão ações políticas para protestar contra o novo regulamento.

Outro ponto discutido foi a articulação de um novo grupo de pós-graduandos em torno da APG, a fim de democratizar e dar vida à entidade, muito criticada por todos os presentes.

Durante a assembleia, um dos pós-graduandos relatou a tentativa frustrada de diálogo com a pró-reitora de pós graduação, professora Maria Amália. De acordo com o estudante, ela intimidou a todos logo ao início da reunião, pedindo-lhes dados pessoais, como nome, curso, R.A., e foi bastante desrespeitosa e arrogante ao longo da curta conversa, o que gerou ainda mais revolta por parte dos estudantes com a gestão de Anna Cintra e seu grupo.



Pós-graduandos se reúnem na sede da APROPUC

# Luiz Gonzaga e Jorge Amado são temas da nova Cultura Crítica

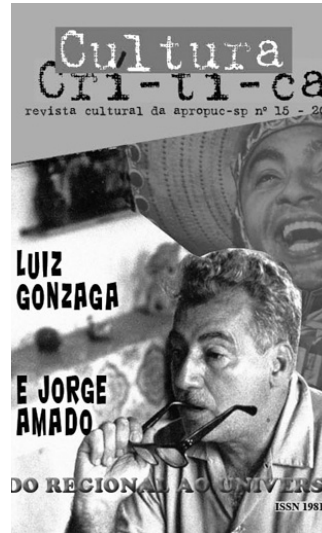
A edição de número 15 da revista *Cultura Crítica*, da APROPUC, celebra o cantor e compositor pernambucano Luiz Gonzaga e o escritor baiano Jorge Amado. Os dois completariam 100 anos em 2012, mas além da coincidência de datas a obra destes dois expoentes de nossa cultura mostra outras convergências. "Ambos colaboraram com a construção de uma identidade nacional. Ambos tomaram o caminho que leva do regional ao universal, isto é, retratam os sentimentos, costumes e a realidade regional nordestina, revelando características humanas mais gerais", afirma o professor João Batista Teixeira no editorial da revista.

Retratando duas facetas do nordeste (o rural do sertão pernambucano de Gonzaga e o urbano da Bahia de Jorge Amado), os dois contribuíram ao longo do século XX para que a música e a literatura refletissem em larga medida sobre a identidade nacional.

Na publicação da APROPUC são transcritos textos de estudiosos das obras destes dois artistas. A obra de Luiz Gonzaga é dissecada por professores como Ricardo Melani, editor-executivo da revista, que discute a procura do ser brasileiro empreendida por Gonzagão. Expedito Leandro Silva, professor da Universidade Santo Amaro, e Rafael Lopes de Sousa, professor da PUC-SP e da Unisa, analisam a unificação do sertão com a metrópole. O tema do sertão na obra de

Gonzaga também é abordado pela mestra em literatura pela PUC-SP Celina Leal dos Santos, que discute a unidade e a pluralidade na escolha do repertório do músico. Nildecy de Miranda Nascimento, professora da Universidade Federal da Bahia, graduanda em Letras e Direito, mergulha na oralidade do cantador e Marcos Paulo Santa Rosa Matos escreve sobre Luiz Gonzaga e a epopeia da retirância.

Já na análise da obra de Amado, Ana Paula Palamarichuk, doutora em História pela Unicamp, envereda-se pelas primeiras obras do autor. Ilana Seltzer Goldstein, mestre em Antropologia



Social pela USP, destaca o papel de Jorge Amado na cultura brasileira. O canto de amor e liberdade que caracterizou o romance ABC de Castro Alves é revisto

por Maria Heloísa Martins Dias, professora da Unesp. O professor da Fafica, João Hilton Sayeg-Siqueira, marca mais uma vez sua presença com a análise da morte de Quincas Berro D'água. No mesmo sentido, Lea Costa Santana Dias, professora da Uneb, abarca a luta proletária no romance Capitães de Areia. Finalmente, Fan Xing, mestra pela Unicamp, mostra a repercussão das traduções de Jorge Amado na China.

A revista *Cultura Crítica* começa a ser distribuída para os associados da APROPUC nos próximos dias. Em breve estaremos informando sobre o debate de lançamento da publicação.

## Prosseguem apoios à professora Bia Abramides

**Nesta semana divulgamos mais alguns nomes que subscreveram o abaixo-assinado em apoio à professora Bia Abramides, contra o processo político impetrado pela reitora nomeada.**

**Denise Moraes** - UNINOVE; **Deocleciana Ferreira** - Inst. Camboni; **Diogo Francelin** - Espaço EZP; **Edelmar Setório Reis** - Funcionário público estadual - Porto Alegre - RS; **Edgard Lombardi** - Aluno de Administração - 8º Semestre - Membro do coletivo PROUNI-SE; **Eliane Nicoletti** - Doutoranda PUC/SP - Assistente Social - Profª - UNIFAI; **Elias de Sousa Oliveira** - Assistente So-

cial - PROAEC; **Gilvan B. Nascimento Jr** - Estudante da PUC-SP; **Giuseppina De Grazia** - Profa da UFF; **Helena Paiva Silvério** - Assistente Social; **Helena Raab** - Profª na Escola Estadual Inácio Montanha - Porto Alegre - RS; **Isabella Jinkings** - Socióloga; **Israild Giacometti** - Profª (aposentada) do Departamento de Serviço Social da UNESP de Franca; **Jennifer Sotó Maior** - UFSC; **Juan Victor Tavares Gonçalves** - Estudante de Serviço Social - FMU; **Juliana Valente** - Tribunal Regional Federal; **Karina de Carvalho Fontes** - Assistente Social - Ex-aluna -PUC-SP; **Karina Yumi Guimarães**

**Miyamoto** - Assistente Social - Prefeitura Municipal de São Paulo; **Karla Maestrini** - historiadora - estudante do Mestrado de História da PUC; **Katia Maria R. Motta**, docente do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro - SINDSCOPE - SINASEFE.; **Leandro Nonato Sales** - Assistente de Coordenação em projetos sociais - ex aluno PUC-SP; **Leandro Salvático** - Engenheiro Bioquímico - Mestrando - Universidade de São Paulo; **Leandro Santana** - Educador; **Livia Cristina de Aguiar Cotrim** - RG: 8.956.755-9; **Livia de Cássia Godoi Moraes** - Profª UNESP; **Livia Gomes dos Santos** - Doutoranda em Serviço Social - PUC-SP.

## GAUCHE NA VIDA

# "O que significa ser escritor num país situado na periferia do mundo?"

*O escritor mineiro Luiz Rufatto foi encarregado de pronunciar o discurso de abertura da delegação brasileira na Feira do Livro de Frankfurt, projeto que vem causando grande polêmica e que custou ao governo brasileiro R\$ 18,8 milhões. O que poucos esperavam, porém, é que o discurso fosse tão duro e contundente, causando mal-estar em boa parte da delegação brasileira. Abaixo publicamos a íntegra do discurso*

O que significa ser escritor num país situado na periferia do mundo, um lugar onde o termo capitalismo selvagem definitivamente não é uma metáfora?

Para mim, escrever é compromisso. Não há como renunciar ao fato de habitar os limiares do século XXI, de escrever em português, de viver em um território chamado Brasil. Fala-se em globalização, mas as fronteiras caíram para as mercadorias, não para o trânsito das pessoas.

Proclamar nossa singularidade é uma forma de resistir à tentativa autoritária de aplinar as diferenças. O maior dilema do ser humano em todos os tempos tem sido exatamente esse, o de lidar com a dicotomia eu-outro. Porque, embora a afirmação de nossa subjetividade se verifique através do reconhecimento do outro - é a alteridade que nos confere o sentido de existir -, o outro é também aquele que pode nos aniquilar... E se a Humanidade se edifica neste movimento pendular entre agregação e dispersão, a história do Brasil vem sendo alicerçada quase que exclusi-

vamente na negação explícita do outro, por meio da violência e da indiferença.

Nascemos sob a égide do genocídio. Dos quatro milhões de índios que existiam em 1500, restam hoje cerca de 900 mil, parte deles vivendo em condições miseráveis em assentamentos de beira de estrada ou até mesmo em favelas nas grandes cidades. Avoca-se sempre, como signo da tolerância nacional, a chamada democracia racial brasileira, mito corrente de que não teria havido dizimação, mas assimilação dos autóctones. Esse eufemismo, no entanto, serve apenas para acobertar um fato indiscutível: se nossa população é mestiça, deve-se ao cruzamento de homens europeus com mulheres indígenas ou africanas - ou seja, a assimilação se deu através do estupro das nativas e negras pelos colonizadores brancos.

Até meados do século XIX, cinco milhões de africanos negros foram aprisionados e levados à força para o Brasil. Quando, em 1888, foi abolida a escravatura, não houve qualquer esforço no sentido de possibilitar condições dignas aos ex-cativos. Assim, até hoje, 125 anos depois, a grande maioria dos afrodescendentes continua confinada à base da pirâmide social: raramente são vistos entre médicos, dentistas, advogados, engenheiros, executivos, jornalistas, artistas plásticos, cineastas, escritores.

Invisível, acuada por baixos salários e destituída das prerrogativas primárias da cidadania - moradia, transporte, lazer, educação e saúde de qualidade -, a maior parte

dos brasileiros sempre foi peça descartável na engrenagem que movimenta a economia: 75% de toda a riqueza encontra-se nas mãos de 10% da população branca e apenas 46 mil pessoas possuem metade das terras do país. Historicamente habituados a termos apenas deveres, nunca direitos, sucumbimos numa estranha sensação de não-pertencimento: no Brasil, o que é de todos não é de ninguém...

Convivendo com uma terrível sensação de impunidade, já que a cadeia só funciona para quem não tem dinheiro para pagar bons advogados, a intolerância emerge. Aquele que, no desamparo de uma vida à margem, não tem o estatuto de ser humano reconhecido pela sociedade, reage com relação ao outro recusando-lhe também esse estatuto. Como não enxergamos o outro, o outro não nos vê. E assim acumulamos nossos ódios - o semelhante torna-se o inimigo.

A taxa de homicídios no Brasil chega a 20 assassinatos por grupo de 100 mil habitantes, o que equivale a 37 mil pessoas mortas por ano, número três vezes maior que a média mundial. E quem mais está exposto à violência não são os ricos que se enclausuram atrás dos muros altos de condomínios fechados, protegidos por cercas elétricas, segurança privada e vigilância eletrônica, mas os pobres confinados em favelas e bairros de periferia, à mercê de narcotraficantes e policiais corruptos.

Machistas, ocupamos o vergonhoso sétimo lugar entre os países com maior número de vítimas de violência

doméstica, com um saldo, na última década, de 45 mil mulheres assassinadas. Covardes, em 2012 acumulamos mais de 120 mil denúncias de maus-tratos contra crianças e adolescentes. E é sabido que, tanto em relação às mulheres quanto às crianças e adolescentes, esses números são sempre subestimados.

Hipócritas, os casos de intolerância em relação à orientação sexual revelam, exemplarmente, a nossa natureza. O local onde se realiza a mais importante parada gay do mundo, que chega a reunir mais de três milhões de participantes, a Avenida Paulista, em São Paulo, é o mesmo que concentra o maior número de ataques homofóbicos da cidade.

E aqui tocamos num ponto nevrálgico: não é coincidência que a população carcerária brasileira, cerca de 550 mil pessoas, seja formada primordialmente por jovens entre 18 e 34 anos, pobres, negros e com baixa instrução. O sistema de ensino vem sendo ao longo da história um dos mecanismos mais eficazes de manutenção do abismo entre ricos e pobres. Ocupamos os últimos lugares no ranking que avalia o desempenho escolar no mundo: cerca de 9% da população permanece analfabeta e 20% são classificados como analfabetos funcionais - ou seja, um em cada três brasileiros adultos não tem capacidade de ler e interpretar os textos mais simples.

A perpetuação da ignorância como instrumento de



continuação da página anterior

dominação, marca registrada da elite que permaneceu no poder até muito recentemente, pode ser mensurada. O mercado editorial brasileiro movimenta anualmente em torno de 2,2 bilhões de dólares, sendo que 35% deste total representam compras pelo governo federal, destinadas a alimentar bibliotecas públicas e escolares. No entanto, continuamos lendo pouco, em média menos de quatro títulos por ano, e no país inteiro há somente uma livraria para cada 63 mil habitantes, ainda assim concentradas nas capitais e grandes cidades do interior.

Mas, temos avançado.

A maior vitória da minha geração foi o restabelecimento da democracia - são 28 anos ininterruptos, pouco, é verdade, mas trata-se do período mais extenso de vigência do estado de direito em toda a história do Brasil. Com a estabilidade política e econômica, vimos acumulando conquistas sociais desde o fim da ditadura militar, sendo a mais significativa, sem dúvida alguma, a expressiva diminuição da miséria: um número impressionante de 42 milhões de pessoas ascenderam socialmente na última década.

Inegável, ainda, a impor-

tância da implementação de mecanismos de transferência de renda, como as bolsas-família, ou de inclusão, como as cotas raciais para ingresso nas universidades públicas.

Infelizmente, no entanto, apesar de todos os esforços, é imenso o peso do nosso legado de 500 anos de desmandos. Continuamos a ser um país onde moradia, educação, saúde, cultura e lazer não são direitos de todos, mas privilégios de alguns. Em que a faculdade de ir e vir, a qualquer tempo e a qualquer hora, não pode ser exercida, porque faltam condições de segurança pública. Em que mesmo a necessidade de trabalhar, em troca de um salário mínimo equivalente a cerca de 300 dólares mensais, esbarra em dificuldades elementares como a falta de transporte adequado. Em que o respeito ao meio-ambiente inexistente. Em que nos acostumamos todos a burlar as leis.

Nós somos um país paradoxal.

Ora o Brasil surge como uma região exótica, de praias paradisíacas, florestas edênicas, carnaval, capoeira e futebol; ora como um lugar execrável, de violência urbana, exploração da prostituição infantil, desrespeito aos direitos humanos e desdém pela natureza. Ora festejado como um dos

países mais bem preparados para ocupar o lugar de protagonista no mundo - amplos recursos naturais, agricultura, pecuária e indústria diversificadas, enorme potencial de crescimento de produção e consumo; ora destinado a um eterno papel acessório, de fornecedor de matéria-prima e produtos fabricados com mão-de-obra barata, por falta de competência para gerir a própria riqueza.

Agora, somos a sétima economia do planeta. E permanecemos em terceiro lugar entre os mais desiguais entre todos...

Volto, então, à pergunta inicial: o que significa habitar essa região situada na periferia do mundo, escrever em português para leitores quase inexistentes, lutar, enfim, todos os dias, para construir, em meio a adversidades, um sentido para a vida?

Eu acredito, talvez até ingenuamente, no papel transformador da literatura. Filho de uma lavadeira analfabeta e um pipoqueiro semianalfabeto, eu mesmo pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armazém, operário têxtil, torneiro-mecânico, gerente de lanchonete, tive meu destino modificado pelo contato, embora fortuito, com os livros. E se a leitura de um livro pode alterar o rumo da

vida de uma pessoa, e sendo a sociedade feita de pessoas, então a literatura pode mudar a sociedade. Em nossos tempos, de exacerbado apego ao narcisismo e extremado culto ao individualismo, aquele que nos é estranho, e que por isso deveria nos despertar o fascínio pelo reconhecimento mútuo, mais que nunca tem sido visto como o que nos ameaça. Voltamos as costas ao outro - seja ele o imigrante, o pobre, o negro, o indígena, a mulher, o homossexual - como tentativa de nos preservar, esquecendo que assim implodimos a nossa própria condição de existir.

Sucumbimos à solidão e ao egoísmo e nos negamos a nós mesmos. Para me contrapor a isso escrevo: quero afetar o leitor, modificá-lo, para transformar o mundo. Trata-se de uma utopia, eu sei, mas me alimento de utopias. Porque penso que o destino último de todo ser humano deveria ser unicamente esse, o de alcançar a felicidade na Terra.

Aqui e agora.

---

**Luiz Rufatto é escritor Seu Romance Eles eram muitos cavalos, de 2001, ganhou o Troféu APCA. O discurso foi publicado originalmente em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/10/escritor-luiz-rufatto-duras-criticas-brasil-machistas-hipocritas.html>**

## Evento discute a presença dos desaparecidos políticos no imaginário brasileiro

O Núcleo Perseu Abramo de Jornalismo, a Agência Online Maurício Tragtenberg (Agemt) e a Rede PUC apresentam na segunda-feira, 14/10, na sala 100-A, às 19h, o vídeo "Marca D'Água", realizado pela Rede PUC juntamente com a Agemt. A produção é uma homenagem ao centenário do militante Elson Costa, desaparecido em 1975.

Elson foi dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo seus direitos políticos cassados com o golpe de 1964, passando a atuar na clandestinidade. Foi preso em 1975 e apesar das buscas de sua família não foi encontrado. Hoje seu nome consta na lista dos desaparecidos políticos.

O debate contará com a presença de Maria Helena

Souza e José Miguel Wisnik, sobrinhos de Elson, além da cineasta Isa Grinspum, diretora do documentário Mari ghella, e de Celso Favareto (com presença a confirmar).

O vídeo pretende estabelecer uma discussão sobre a representação da ditadura militar de 1964 e também dos desaparecidos políticos, numa fronteira entre estética e política. Os autores preten-

dem levantar questões do tipo "Como lidamos audiovisualmente com o impacto desta questão? Quais seriam as marcas tangíveis deste processo? Quais as diferenças entre o modo como representamos esse período e os nosso irmão latino-americanos?"

O vídeo estará brevemente no site da Agência Maurício Tragtenberg em [www.agemt.org](http://www.agemt.org).

## MOVIMENTOS SOCIAIS

# Em greve, professores de Goiânia ocupam a Câmara de Vereadores

Em greve há duas semanas, os professores da rede municipal de ensino de Goiânia, capital de Goiás, passaram a noite de terça para quarta-feira, 9/10, acampando na Câmara de Vereadores da cidade. A ocupação foi motivada pela rejeição de uma emenda a um projeto que estabelece regras para o Auxílio Locomoção da categoria.

Além de reivindicar o benefício de transporte para todos os professores e auxiliares educativos, a categoria quer o fim do parcelamento da data-base, que representa a reposição salarial por perdas inflacionárias. Os grevistas lutam também pelo enquadramento dos auxiliares educativos como funcionários do magistério

e melhores condições de trabalho. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, 59% das Escolas e Centros Municipais de Educação Infantil estão sem aulas.

Na quarta-feira, 300 professores continuavam acampados e prometiam deixar a Casa somente ante negociação com o prefeito Paulo Garcia (PT). "Por enquanto não está nada certo, mas tudo indica que ele [Paulo Garcia] vai nos receber. E é isso o que a gente quer", disse Antônio Gonçalves Rocha Júnior, coordenador do comando de paralisação.

Rocha Júnior ressaltou ainda que, além de tratar sobre o Auxílio Locomoção, a categoria quer negociar

sobre uma medida que prevê multa diária de R\$ 10 mil para oito integrantes do movimento grevista. "Não vamos sair da Câmara até o prefeito acabar com esse processo", ressaltou.

No mesmo dia, a juíza Jussara Cristina Oliveira Lousa, da 3ª Vara da Fazenda Pública Municipal, expediu liminar de reintegração de posse pedida pela presidência da Câmara. Nela, Lousa afirma que "a retirada dos manifestantes deve ser feita de forma pacífica, comedida e moderada, sem uso de violência ou qualquer outro meio que possa colocar a integridade física dos ocupantes em risco". Até o fechamento do **PUCviva**, porém, os professores continuavam ocupando a Casa.

**Mais uma liderança indígena é assassinada**

Na terça-feira, 8/8, um líder político e religioso guarani-mbya, tribo do município de Palmares do Sul (RS), foi encontrado morto, boiando na Lagoa dos Patos, próximo a uma ilha onde habitam algumas famílias indígenas da região. O cacique, que se chamava Inácio Lopes, se destacou nos últimos anos por sua liderança junto à Comissão de Terra Guarani.

Lopes também colaborou para a rearticulação das comunidades acampadas à beira de estradas e afetadas pelo processo de duplicação de rodovias no estado gaúcho. A liderança foi cacique da Terra Passo Grande, área que está em estudo de identificação e delimitação pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

## Movimentos sociais se organizam para barrar leilão de Libra

Para o dia 17/10, quinta-feira, a CSP-Conlutas, demais entidades sindicais, coletivos estudantis e movimentos populares de todo o país estão convocando mais um dia nacional de mobilização contra o leilão do campo petrolífero de Libra, marcado pela presidenta Dilma Rousseff para acontecer no dia 21 desse mês.

Segundo a nota da Conlutas, "as ofertas do patrimônio

público do Brasil são lançadas no balcão do banco Goldman Sachs para duas famílias de banqueiros (Rockefeller e Rothschild), os mesmo donos das maiores 'Big Oils' que estão de espia na moita do pré-sal. O mais chocante é que os financiamentos das compras realizadas pelo setor privado internacional, inclusive do campo colossal de Libra, devem ser feitas pelos bancos

públicos do Brasil, principalmente o BNDES. As multinacionais estão entrando nesse negócio sem risco nenhum.

Qualquer poço que furar na área do pré-sal vai ter petróleo e a União ainda vai ter que ressarcir os custos que essas empresas tiveram para perfurar o poço. Está claro que o governo brasileiro compromete o futuro do país e do seu povo para defender os interesses dessas

grandes empresas".

O campo de Libra é o maior do pré-sal, com uma capacidade de produção estimada pela ANP em 1 milhão de barris de petróleo por dia. Apesar de lucrativo, o investimento só deve começar a jorrar em um prazo de 6 anos, em função da grande profundidade das camadas de petróleo encontradas abaixo das camadas de sal.

# ROLA NA RAMPA

## Pró reitora comunitária pede demissão

Na reunião do Conselho de Administração (Consad), realizada na quinta-feira, 10/10, a reitora nomeada, professora Anna Cintra, informou que a professora Rosana Nunes dos Santos, pró-reitora de Cultura e Relações Comunitárias solicitou demissão do cargo na semana passada. Segundo Anna, a reitoria está estudando novos nomes para o cargo. Entre outras questões, o Consad também referendou o quadro de vagas para o vestibular de verão enviado pelo Conselho Universitário (Consun). Desta maneira

a PUC-SP oferecerá 3625 vagas para os ingressantes, 13% menos que no ano passado. Os conselheiros aprovaram a taxa de inscrição para os candidatos (R\$ 130,00, mesmo valor da Fuvest), e a novidade ficou com a implantação da chamada Bolsa Mérito: neste vestibular o aluno oriundo de escola pública melhor classificado no seu curso terá direito a uma bolsa de 50%. Também será concedida uma bolsa de 100% aos alunos de escola pública que conseguirem a melhor nota geral.

## Seminário debate "O Príncipe", de Maquiavel

Em comemoração aos 500 anos do livro "O Príncipe", de Nicolau Maquiavel, escrito em 1513, o Neamp (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, e o Grupo de Pesquisa Renascimento: Ética, Política e Religião do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC-SP realizarão três debates entre os dias 15 e 17/10. No primeiro dia, Antonio Valverde (PUC-SP), Teresa Sadek (USP) e Eunice Ostrensky (USP) participam do debate.

Na quarta-feira, Miguel Chaia (PUC-SP) e Eduardo Tolentino (Grupo Tapa) trazem seu acúmulo sobre a obra. No último dia será a vez de Edison Nunes (PUC-SP), José Luiz Ames (Unioeste) e Kurt Eberhart Von Mettenheim (Eaesp-FGV) de trocarem conhecimentos sobre o autor. Os três debates serão realizados na sede da APROPUC. As inscrições devem ser feitas no local e os certificados serão distribuídos para quem participar de ao menos duas sessões do evento. Para informações, ligue 3670-8417.

## Boaventura de Sousa Santos no TUCA

Os professores Boaventura de Sousa Santos, Marilena Chauí e Frei Betto estarão presentes no TUCA, no dia 21/10, às 19h, para o debate "As revoluções da indignação e as lutas democrática". Na ocasião, Boaventura lança os livros "Se deus fosse um ativista dos direitos humanos" e

"Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento", ambos pela editora Cortez. A entrada é gratuita, mas para participar é preciso confirmar presença pelo e-mail cadastro@cortezeditora.com.br, com Caroline. As vagas são limitadas. Para informações, ligue 3611-9616.



## Festa das crianças em Sorocaba

A AFAPUC de Sorocaba promoveu no sábado, 5/10, uma festa para comemorar o Dia da Criança. A festa contou com a participação dos funcionários locais e de outros funcionários da cidade de São Paulo que se deslocaram até lá para participar do evento

## Programa Pindorama realiza atividades na universidade

O Programa Pindorama e o Museu da Cultura promovem, entre os dias 15 e 19/10, a 6ª edição da Retomada indígena no campus Monte Alegre. O evento contará com mesas de debates, oficinas, apresentação de vídeos e fotos, além de venda de artesanato indígena. Para conferir

a programação completa, acesse o link [www.pucsp.br/sites/default/files/img/aci/2-10\\_retomada\\_indigena.pdf](http://www.pucsp.br/sites/default/files/img/aci/2-10_retomada_indigena.pdf). Além da organização, o evento conta com apoio de NEMA PUC-SP, Pastoral Indigenista, Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, cursinho Foco e CIMI.

## Projeto de música acontece em frente ao TUCA

O evento TUCA Meio Dia acontece toda última quarta-feira do mês em frente ao teatro, na rua Monte Alegre, 1024. Em outubro, no dia 23, haverá apresentação do grupo

"Som de Segunda", às 12h. O evento é gratuito. Para outras informações, acesse o site do evento em <http://www.teatro-tuca.com.br/espeticulos/tucameiodia-somdese>

## Prorrogadas as inscrições para o torneio de futebol

As inscrições para o Torneio de Futebol de Salão de Funcionários e Professores promovido pelo PAC, AFAPUC, juntamente com a Pró-reitoria Comunitária, foram prorrogadas até o dia

15/10. Os jogos começam no dia 19/10. Maiores informações podem ser obtidas no PAC, sala 63-G, térreo do Prédio ERBM, telefone: 3670-8544, e-mail: [recepac@pucsp.br](mailto:recepac@pucsp.br).